

## HISTÓRIA E HISTORICIDADE NA REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO EM QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Mônica Maria dos Santos<sup>1</sup>  
Eliane Aparecida da Costa Soares<sup>2</sup>  
Micaelly Jotane de Lima<sup>3</sup>

### RESUMO

A organização da sociedade capitalista que, ainda preserva diversas práticas coloniais, atua num jogo pesado de visibilidades e invisibilidades que se concretiza, em especial, a partir dos registros da história e da circulação dos bens culturais da população. Somente a partir de meados do século XX, com o movimento revolucionário da Escola dos Annales, a História modificou sua forma de enxergar suas fontes e deixou de ser apenas uma construtora das crônicas dos acontecimentos e passou a dar vazão aos questionamentos de como a historiografia era construída, onde fora introduzida a História Cultural. O que é visto e considerado pelo/para o grande grupo é resultado do entrecruzar de diversas histórias pessoais que a história oficial jamais daria conta de registrar, visto a complexidade e a extensão desse universo de existência habitado por milhares de sujeitos cuja história e memória se realizam a partir da arte, em especial, da literatura. Analisaremos, nesta pesquisa, a confluência entre a história e historicidade presentes nos relatos do cotidiano registrado por Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) que se inscreve na história ao escrever a história invisibilizada da população pobre, migrante e preta, da segunda metade do século XX e, transgredi a morte do corpo e da alma impetrada nos silêncios e apagamentos promovidos pela organização social nos registros da História. A pesquisa será desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica e da análise das relações entre a história e a literatura presentes na obra.

**Palavras-chave:** História, Literatura, Cotidiano, História Cultural, Carolina Maria de Jesus.

### INTRODUÇÃO

[...] mulheres negras vêm historicamente produzindo saberes e insurgências. (RIBEIRO, 2017, p. 42)

Qual a matéria da vida que interessa ao registro histórico?

Se inserido no campo da História Cultural, os fatos registrados pela História oficial são recortes escolhido de fatos do cotidiano de grupos que influenciam na organização econômica, política, social e cultural. As fontes utilizadas para o registro histórico desses fatos podem estar nos documentos oficiais, nas páginas dos jornais, no testemunho de

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – [monicamagnificamv@gmail.com](mailto:monicamagnificamv@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás- UEG - [eli\\_pontal@hotmail.com](mailto:eli_pontal@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduado pelo Curso de História da Universidade Federal de Rondônia – UNIR - [micaelly.jotaene@gmail.com](mailto:micaelly.jotaene@gmail.com)

indivíduos, na troca de correspondência, nos diários pessoais e na literatura. Nesse contexto os interesses da história e da literatura se encontram e uma se vale da outra para ser materializada “[...]a História Cultural vai atribuir o estudo das formas de representação do mundo no seio de grupos humanos. Esta ideia é chave para a ampliação do diálogo entre diversas disciplinas, redimensionando as relações entre história e literatura” (GRECCO, 2015, p. 119-120).

Antes do advento da História Cultural a História Oficial representava um mundo repleto de silêncios e de apagamentos. Os fatos e os personagens que se eternizavam nas páginas oficiais eram perpassados por questões ideológicas que regiam o momento da escrita de suas histórias. Muitos grupos e acontecimentos foram recorrentemente ignorados causando com o seu apagamento grandes lacunas para o entendimento do contexto histórico de algumas épocas.

Como a História Oficial, a Literatura Brasileira, constituiu um vasto território de ausências e silenciamentos. Os textos reconhecidos como pertencentes ao seu corpus, quase nunca contemplavam as diferenças que compõem a sociedade. As ausências cristalizadas nos textos que circulavam, representavam ausências constituídas a partir de muitas frentes. Neles, insistentemente imperavam, vazios, os espaços de vozes e/ou de representações: negras, femininas, homossexuais, idosas, interioranas.

No massivo cenário de ausências da literatura brasileira contemporânea surge Carolina Maria de Jesus, uma escritora mineira que nasceu em Sacramento/MG, em 14 de março de 1914, e insurgiu<sup>4</sup> no cenário literário brasileiro em agosto de 1960, data do lançamento de sua primeira e mais conhecida publicação: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Revelada pelo jornalista Audálio Dantas que cuidou da edição, da divulgação e da publicação do seu diário.

Com essa publicação Carolina se inscreve em muitas histórias, a começar pela do próprio Audálio Dantas. A sua insistência em registrar suas impressões da vida e do mundo a imortalizaram, muitas “Carolinas” continuam, em inúmeros lugares, insistindo em se inscreverem na história, buscando o eco de uma voz lançada por ela que já não aceita calar.

---

<sup>4</sup> Usamos o termo insurgir porque, contra toda ideologia da época, uma mulher negra, favelada e com mínima instrução primária se torna escritora de um *best seller*. Carolina insurge contra três grandes forças do sistema vigente, as relações de: gênero, raça e classe, além de estar inserida no precário acesso à educação e se atrever a escrever.

A professora Marisa Lajolo<sup>5</sup> no evento de comemoração do centenário de nascimento de Carolina Maria de Jesus, destaca a instigante relação da autora com o vocábulo “papel”, chamando nossa atenção para as diversas interpretações semânticas da palavra no tocante a vida da autora, mencionando que ela, vivendo da reciclagem de papel, reservando para o seu projeto literário parte desse papel desprezado, requisitava, por meio dele o direito de desempenhar na vida e na arte o seu papel de protagonista, de escrever a história das mulheres negras no cenário literário do Brasil do século XX e de se inscrever na história da literatura mundial.

O evento do reconhecimento de Carolina pelo público é paradoxal, já que, ao mesmo tempo que espalha a palavra dela pelo mundo a silencia no tocante a sua essência criativa. A voz oferecida a autora é um comando estruturado em estereótipos e esconde o seu poder criativo e a potência da literatura que ela produziu.

Mesmo com toda censura impetrada ao seu texto Carolina entra para a história do Brasil e da literatura brasileira por ser uma das percussoras da literatura marginal, não só por escrever da margem e sobre a margem, mas também, por representar o grupo das mulheres que reivindicam voz e visibilidade social.

Perpétua (2003) e Fernandez (2008), ressaltam a importância de se ler Carolina a partir dos manuscritos originais e insistem na manipulação textual realizada por Audálio Dantas no momento da edição. Afirmam que o jornalista constrói a imagem de uma Carolina limitada ao relato de um cotidiano difícil e nega a existência de um estilo literário e de um lirismo latente na escrita da autora. Para ele, o importante era fixar na mídia a imagem da mulher preta, pobre, semianalfabeta que escrevia. A edição do diário deixa claro que ele não se permitiu fugir dos objetivos iniciais propostos para a sua reportagem que propiciou o encontro dele com Carolina.

Instigados pela historicidade massivamente descrita no diário, analisaremos, nesta pesquisa, a confluência entre a história e historicidade presentes nos relatos do cotidiano registrado por Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960)*. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica e da análise das relações entre a história e a literatura presentes na obra.

---

<sup>5</sup> Centenário de Carolina de Jesus no IMS Rio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yaXeesG6C5o&t=2621s>

## 1. A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Muito mais do que uma autora literária, Carolina atua veementemente na disseminação da colocação da história coletiva da mulher favelada, refletida nas páginas de seu diário, à margem de sua (sobre)vivência.

Sendo preta, pobre, mãe de 3 filhos e solteira, ela se transforma em personagem para contar um pouco de seu cotidiano nos anos de 1950, na Favela do Canindé, onde as experiências pessoais de seu passado constroem pontes com o presente e futuro, em um tornado cíclico de sensações e sentimentos, voltados às condições desumanas da qual passou e que se refletem no espelho cultural e social da vida de muitos e muitas.

Calando o silêncio daquelas que não possuem voz dentro da História, apesar de possuírem o dom da fala. daquelas que foram apagadas de suas histórias mesmo em vida, emudecidas e subjugadas pela sociedade patriarcal, preconceituosa e elitista. Das que foram esquecidas e perderam o seu valor enquanto seres humanos, sendo utilizadas como objeto de satisfação para o ser dominante, ser esse que é apresentado sócio culturalmente como “pessoa de bem”, que as usam para saciar seus desejos e caprichos, sejam eles sádicos, negligentes, escravistas ou carnais, tal qual não passassem de uma subespécie da raça humana.

O vazio da História Oficial documental publicada durante muito tempo, está repleto de gritos. Gritos estrangulados elucidativamente por não se adequarem aos estereótipos imperantes na construção social e historiográfica da nação brasileira. Se você não for homem cis, branco e hétero, o seu lugar é junto aos marginalizados.

A História Oficial foi criada com o objetivo principal de exaltar fatos e feitos exercidos por “heróis” imaginários, incutidos mitologicamente no cerne da história brasileira para serem os salvadores da pátria, geralmente representados por figuras de alto poder econômico. O grande problema desse tipo de retratação da História é que ela apresenta uma única vertente, descrita do ponto de vista daquele que seja mais pertinente para o capital.

A história e a memória brasileira estão impregnadas pelos valores associados aos ideários das suas elites políticas, econômicas e culturais. A atribuição de sentidos à realidade é articulada a partir da escrita, das narrativas e da historiografia, dentre outros. Assim, localizamos a presença de mitos e narrativas que funcionam como explicações à organização cultural nacional, ao oferecerem sentidos a trajetória social, econômica e política brasileira. Dentre esses sentidos, alcança proeminência a tendência para transições pacíficas e a cordialidade, apontadas pela chamada história oficial como constitutivas da identidade nacional. Ainda, localizamos a presença de grandes heróis que teriam construído a nossa história com suas ações e feitos memoráveis. Em outras palavras, por um lado, de forma predominante, as cenas e os personagens que encarnam os mitos fundadores são representados como pacíficos e avessos àquelas ações que possam implicar mudanças na estrutura social vigente.

Por outro, movimentos sociais que explicitam tentativas de rompimento com o *status quo*, geralmente são omitidos, interpretados como casos isolados e de diminuta expressividade ou ainda como meros atos de vandalismo. (SOUZA, 2004, p. 4).

Com o passar dos anos houve uma pequena ruptura nesse sistema, encontrada a partir da criação dos Annales (1929) para sanar essa crise na escrita da história.

Os Annales renovam, portanto, radicalmente o discurso histórico. Em primeiro lugar, como o título da revista deixa entrever, privilegiam os fenômenos econômicos e sociais até ali abandonados. [...]O abandono da história política beneficia, portanto, o estudo da história econômica e social. (DOSSE, 1994, p. 7).

Contudo, apesar de esse movimento da Escola dos Annales iniciar essa desconstrução com o seu surgimento, o próprio grupo precisou passar por várias etapas antes de atingir o que hoje chamamos de História Cultural ou Nova História Cultural, tendo em vista que essa escola nasceu com uma visão totalmente eurocêntrica e caminhou lentamente para as demais localidades do mundo, o Brasil não usufruiu dessa abertura até muito recentemente.

A Nova História Cultural, portanto, só encontra condições para se expandir no país, nos anos noventa, embora alguns importantes trabalhos tenham sido lançados ainda na década anterior como é o caso de “O diabo e a Terra de Santa Cruz” de 1986, produzido por Laura de Mello e Souza, obra que talvez tenha sido a pioneira, em termos de Nova História Cultural, no Brasil. Depois dela, tornou-se cada vez mais comum o lançamento de livros que analisavam, por meio das mentalidades, o nosso período colonial e século XIX. A partir de então, passou a ser cada vez mais freqüente, na historiografia brasileira, a adoção de novas temáticas (cidades, memória, imagens, identidade,...), novos conceitos (representação, imaginário, sensibilidades,...), novos métodos (paradigma indiciário, semiótica,...) e novas chaves conceituais (micro-história, história vista de baixo,...). Todas essas inovações estão ligadas à terceira geração dos Annales, a qual expandiu, como nunca havia sido feito, o conceito de fonte histórica e as possibilidades temáticas para consumo dos historiadores. Podemos, portanto, creditar também à influência desta Escola, o fato de que no Brasil, atualmente, a maior parte do que se produz esteja relacionada à nova história cultural. (CAVALCANTE; SILVA; COSTA, 2010, p. 50).

O campo da Nova História Cultural brasileira, apesar de ser relativamente novo, busca uma quebra desse paradigma para com a história meramente documental, dando espaço a vazão das memórias daqueles que anteriormente não puderam se introduzir dentro da construção de sua própria identidade, criando representatividade através da micro história.

A demora na expansão de novas ideias enquanto à escrita da história fez com que autoras como Carolina Maria de Jesus, buscassem uma forma de burlar os impedimentos impostos pela parcela dominante da sociedade, a quem os comandos do registro da História

ainda eram delegados na época. Houve assim, uma inserção das narrativas pessoais, locais e culturais através da escrita e registro destas dentro da literatura.

Seus registros dentro da obra *Quarto de Despejo* (1960) trazem o choque da realidade de um povo reprimido e desconsiderado pela sociedade, suas linhas descrevem da forma mais pura o dia a dia e os conflitos existentes dentro daquela comunidade.

A leitura desses diários traz a crueza das intempéries sofridas por ela, que causam desconforto ao leitor, exibindo a imagem brasileira que não é citada formalmente nos registros da historiografia nacional, mesmo se tratando de uma não ficção. Exibir tal realidade dentro da história oficial brasileira não seria favorável ao capital e à imagem do caos interno do país para o exterior, por isso, as autoridades responsáveis pela propagação da informação preferem florear a vida do brasileiro e nem sequer considerar a verdade da existência de uma brasileira marginalizada pela sociedade, que passa por situações de subsistência, fome extrema, violência bruta, degradação do corpo e da imagem sua e de seus filhos.

Recorrer à escrita de seus diários foi uma forma encontrada por Carolina de desabafar sobre suas dificuldades, e esse desabafo se reflete na vida de milhares de brasileiros que sofrem pelas mesmas condições. Ser inserida na literatura proporcionou com que mais pessoas se identificassem e se vissem refletidos dentro daquela realidade, mesmo nos dias atuais.

## **2. O REGISTRO DE FATOS HISTÓRICOS A PARTIR DO OLHAR DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, narra as lutas e sofrimentos cotidianos como catadora de papel, em busca de assegurar elementos básicos para sua subsistência e de seus filhos (moradia, alimentação, saúde, educação), ante os desafios e dissabores impostos pela condição de ser mulher negra, pobre e favelada da periferia da maior metrópole da América Latina.

Na leitura da narrativa, nos deparamos com uma composição diarista/literária permeada de fatos históricos sobre o desenvolvimento da cidade de São Paulo e do país, do período descrito, sob o olhar atento e crítico daquela que experienciou na pele esse processo e suas consequências na vida do excluído e marginalizado pela sociedade da época.

Ao longo da tessitura textual, a escritora/narradora apresenta a miséria, a fome e o abandono vivenciados por ela e seus pares, compondo no decorrer da narrativa o quadro degradante a que são sujeitos homens, mulheres e crianças, em virtude da má distribuição de

renda e administração dos recursos públicos, que deveriam ser convertidos em benefícios da população como um todo.

A história contada, por Carolina, vai se delineando e se revelando a contrapelo daquela tida como oficial, revisitada pelo testemunho pessoal da autora. Relatos que denunciam realidades negligenciadas pelo poder público e sociedade brasileira como: o descaso político com o destino dos mais necessitados; a moradia com seus problemas habitacionais, que condenam os moradores a uma vida subumana; a fome; ao desemprego; a violência; ao preconceito social e tantos outros aspectos a que são submetidos os desvalidos de um grande número de cidades da nação.

Carolina Maria de Jesus, mineira da cidade de Sacramento/ MG, fugindo da miséria em que vivia, no ano de 1930, saiu de seu estado de origem em busca de melhores condições de vida. Em 1937, ela chega à cidade de São Paulo. Em 1948, devido a projetos de urbanização da cidade, muda-se para a favela de Canindé (CANHA, 2016, p. 08-11), como relata a escritora:

É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residiamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos (JESUS, 1993, p. 17).

A autora evidência seu descontentamento e indignação com as lideranças governamentais que propõem projetos políticos desenvolvimentistas para o progresso econômico do estado e da nação, mas se esquecem de viabilizarem a melhoria das condições de vida da população menos favorecida, empurrando-a cada vez mais para margem do convívio social, a regiões distantes dos bairros centrais e do olhar da sociedade e dos curiosos.

Em mais de uma circunstância, ela demonstra sua desilusão com a classe política do país que, segundo Carolina só se lembra do pobre em época de campanha política, pois conhecem bem as necessidades e dificuldades vivenciadas pelos favelados e as utilizam como bandeira para angariar os votos necessários a conquista do cargo almejado. Contudo, assim que passa o período eleitoral esquecem as promessas e compromissos firmados com essa gente, retornando a favela somente na eleição seguinte, como citado pela autora “... Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparecem no quarto de despejo, nas épocas eleitorais” (JESUS, 1993, p. 41). Essa decepção com a classe fica claro no relato feito pela autora a seguir:

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semicerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (JESUS, 1993, p. 34)

Carolina aborda, também, um importante momento da história do Brasil, a eleição e administração de Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da república eleito em 1955. Enquanto candidato, o então presidente lançou o *slogan* de campanha "50 anos em 5"<sup>6</sup>, prometendo ao povo brasileiro novos tempos de mudanças e progresso para todo o território. Todavia, com os investimentos em estradas por todo país, meios de transporte e a ampliação da industrialização, houve um aumento significativo da inflação que impactou os bens de serviço e consumo, penalizando toda a sociedade brasileira, com maior ênfase naquela já tão massacrada e desprestigiada pelas lideranças, a comunidade mais pobre e carente.

...O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome (JESUS, 1993, p. 30).

Desencantada com o cenário político e o agravamento da crise econômica no Brasil, Carolina tece importantes reflexões sobre os representantes 'do povo' eleitos pelo voto, tal como: "Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: \_\_ "Não chores por mim, Chora por vós" \_\_ suas palavras profetizava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome (JESUS, 1993, p. 117), ou ainda, "... Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores" (JESUS, 1993, p. 35).

Faz-se necessário ressaltar, que os fatos citados por Carolina de Jesus, na obra *Quarto de despejo*, relativos ao governo federal e as outras situações políticas, assim como as questões das mudanças estruturais do centro da cidade são registros vivos de uma moradora de São Paulo da época, sobre importantes eventos históricos que a autora faz, ao seu modo e ao seu estilo.

---

<sup>6</sup> Texto disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/governo-juscelino-kubitschek.htm>. Acesso em: 18/08/2021.



A mudança para a favela do Canindé não foi uma escolha de Carolina, mas uma imposição do destino. Em toda a obra, a autora enfatiza a frustração, amargura e tristeza com o local onde vive com seus três filhos. “Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê” (JESUS, 1993, p. 35). A contrariedade em morar em uma favela é facilmente observada nas narrações que faz sobre esse ambiente:

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1993, p. 33).

A diarista não se sente em casa na favela. Para ela é penoso ter que regressar diariamente para lá ao final de um dia de serviço e contemplar a miséria, a pobreza, a falta de higiene do lugar. “... Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão” (JESUS, 1993, p. 41). Seu maior sonho e desejo é viver em um bairro da capital, em uma casa de alvenaria e poder proporcionar aos filhos conforto, segurança e algumas regalias. No fragmento a seguir evidencia-se esse desejo nas palavras da escritora:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (JESUS, 1993, p. 76).

Ao transladar os habitantes para a favela do Canindé, o governo queria se livrar daquela população e dos cortiços em que moravam, pois, o objetivo era modernizar a área central da cidade de São Paulo. Dessa forma, não se preocupou se o espaço era adequado para moradia, nem propiciou uma infraestrutura básica que garantisse aos moradores uma vida digna naquele espaço.

As casas eram construídas pelos próprios moradores com materiais encontrados no lixo da cidade. Havia apenas uma torneira com água tratada para o consumo de toda favela, onde de acordo com Carolina, “D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo” (JESUS, 1993, pág. 19), além dos pais e, em alguns casos, agregados. A demanda pela água era tamanha que os moradores tinham de levantar-se antes do raiar do dia

para buscarem a água de consumo diário, “Levantei cinco horas para ir buscar água. Hoje é domingo, as favelas recolhem água mais tarde” (JESUS, 1993, p. 23).

Essa situação com o passar dos anos e o aumento do número de migrantes de outras regiões em busca de trabalho se agrava, “Atualmente é difícil para pegar água, porque o povo da favela duplica-se. E a torneira é só uma” (JESUS, 1993, p. 97). As demais atividades que dependiam de água eram realizadas no rio Tietê ou no lago, ambos poluídos e impróprios para a utilização humana. “Depois fui lavar as roupas na lagoa, pensando no departamento Estadual de Saúde que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remédio para os favelados” (JESUS, 1993, p. 90).

Era com tristeza que Carolina via seus filhos crescendo no ambiente da favela, pois era notório que as dificuldades e a miserabilidade embrutecia as pessoas que ali viviam, tornando o ambiente violento e daninho à formação das crianças, que desde a tenra idade presenciavam cenas e atitudes cuja influência refletiria na construção do homem e da mulher do amanhã. Tal preocupação é uma constante na fala da autora:

... As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são educadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo (JESUS, 1993, p. 34).

Devido ao desemprego, a fome e a falta de perspectivas de vida é comum o alcoolismo e dele decorre a violência, atração e diversão para vizinhos, que quando se iniciam os conflitos não se privam em assistir os embates, “E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua” (JESUS, 1993, p.40).

Outro aspecto recorrente no texto da autora é o convívio diário com a fome. Apesar do trabalho extenuante pelas ruas da cidade na cata de papelão ou qualquer outro objeto que possa ser vendido e transformado em dinheiro, não é suficiente para a manutenção da família. O drama a leva a dizer que “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (JESUS, 1960, p.39). Ela ainda acrescenta: “Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme” (JESUS, 1993, p. 95).

Diante da situação em que é forçada a viver, Carolina encontra na leitura e escrita do texto literário, o refúgio para o corpo e o alimento para a alma. Impulsionada pelo sonho e

fantasia ela encontra forças para seguir adiante e sempre na luta pela sobrevivência, na esperança que um dia consiga meios para sair da situação e mudar sua história de vida. Ela relata que:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginarios (JESUS, 1993, p.52).

Antônio Candido, em *O direito a literatura* (2007), assegura que a literatura é uma necessidade e um direito de todo ser humano, que sua carência pode acarretar a “desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora” no ser humano (CANDIDO, 2007, p. 35). Essa colocação de Candido, assim como a seguinte são preponderantes para a compreensão da necessidade de Carolina em se refugiar na arte da palavra e nela encontrar coragem e ânimo para suportar os entraves que a vida de modo impiedoso lhe apresenta.

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito [...] (CANDIDO, 2007, p. 35).

O texto escrito por Carolina é, também, um instrumento de resistência. Resistência às intempéries vividas, ao abandono social, ao apagamento/silenciamento imposto por aqueles que fabricam a história do país sob a ótica da classe dominante. A autora tem ciência dessa verdade ao afirmar “Há de existir alguém que lendo o que escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (JESUS, 1993, p. 41).

As palavras da autora são, ainda, um ato denúncia ao nítido preconceito da sociedade que desconhece o outro lado da história sobre a população favelada e mesmo assim alimenta uma péssima opinião sobre seus hábitos, costumes e práticas sociais. Para ilustrar a afirmação da autora, há o relato de um incidente em que ela é ameaçada por um homem:

“Ele fez menção de agredir-me e eu disse-lhe: \_ Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nordestino

está me dando aulas. Se vai me bater pode vir. [...] Quando alguém nos insulta é só falar que é da favela e pronto. Nos deixa em paz” (JESUS, 1993, p. 73).

Alfredo Bosi (1996), ao explicar o conceito de resistência explica que: “[...] é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir” (BOSI, 1996, p. 11).

Na leitura da narrativa caroliniana fica evidente esse ato de resistência, quando a escritora declara que “Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada. Por mais que o desenho tenha sido feito a lápis e que seja de boa qualidade a borracha, o papel vai sempre guardar o relevo das letras escritas. Não, senhor, ninguém pode apagar as palavras que eu escrevi”<sup>7</sup>. Carolina tem conhecimento do poder da palavra e sabe que seus registros são o retrato fiel de uma comunidade em um determinado contexto histórico. Contexto esse que mesmo sendo negado ou ocultado emerge por meio de seu discurso.

Ainda de acordo com Bosi, esse tipo de escrita praticada por Carolina, apesar de não divulgadas por órgãos governamentais, propiciam ao leitor o conhecimento de realidades inimagináveis, bem como uma reflexão crítica sobre os fatos narrados.

A escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha, [...] também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, angústia ou pudor, soará no monólogo narrativo, no diálogo dramático. E aqui são os valores mais autênticos e mais sofridos que abrem caminho e conseguem aflorar à superfície do texto ficcional (BOSI, 1996, p. 26).

Ao término da leitura do livro, a voz resistente de Carolina Maria de Jesus continua ecoando em nossa memória, que até então só conhecia um lado da história. Ao conhecer a história de privação e miséria contada por aquela que experienciou a margem em seus aspectos mais cruéis, surge a necessidade da reflexão acerca do destino dado a essa população, que deveria ser prioridade para administradores públicos e toda sociedade brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transitando entre vários mundos, tanto pelo seu constante movimento da favela para a cidade em busca de sobrevivência, como da sua condição de catadora de sobras/despejos para

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/episodio/carolinamariadejesus>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

o seu espaço de escritora, produtora de intelectualidade, Carolina nos apresenta, a partir do seu olhar duplo, de narradora e personagem muitos acontecimentos que marcaram a história das populações marginais do Brasil, do ponto de vista de quem foi atravessado, por cada um deles.

Carolina é sinônimo de transgressão/contestação, de afronta, de desafio ao proposto pelo destino. Vive na contramão do que a vida lhe oferece. As narrativas de Carolina vão se entrelaçando com os registros oficiais. São uma forma mais próxima e humana para se olhar e se pensar os acontecimentos que ficam para a eternidade, que se inscrevem no para sempre.

Um dos fatos históricos cuja a discussão é provocada pela leitura de Carolina é a crescente onda de migração do campo para a cidade vivenciada na segunda metade do século XX e o processo de urbanização dos grandes centros. Nesse viés ela também, expõe o problema de distribuição das terras no país, que esvazia o campo e enche, desordenadamente, as cidades destacando que a falta de espaço e a presença da miséria migra e, geograficamente permanece imutável para os que habitam os quartos de despejo.

Muitas vezes, o que a História oficial silencia e/ou apaga o texto literário registra. Apesar das muitas discussões acerca da validade de seu registro situado entre a representação do real e a criação ficcional. É inegável, a partir da leitura do *Quarto de despejo*, a constatação de que a narração concretizada pela literatura é o compilado do testemunho de um sujeito que viveu e foi atravessado pelos enunciados do seu tempo.

## ABSTRACT

The organization of the capitalist society, which still preserves several colonial practices, acts in a heavy game of visibilities and invisibilities that materializes, in particular, from the records of history and the circulation of the population's cultural essence. Only from the mid-twentieth century, with the revolutionary movement of the Annales School, History changed how it sees its sources and stopped being just a builder of the chronicles of events and began to give rise to questions about how historiography was built, where Cultural History was introduced. What is seen and considered by/for a bunch of people is the result of the interweaving of different personal histories that official history would never be able to record, given the complexity and extent of this universe of existence inhabited by thousands of people whose history and memory happens from the perform by the art, especially, from literature. In this research, we will analyze the confluence between history and historicity present in the exposure of everyday life recorded by Carolina Maria de Jesus in *Room of dumpness: diary of a shanty town person (1960)* who is enrolled in history by writing the invisible history of the poor population, migrant and black, from the second half of the 20th century, and breaks the death of the body and soul brought about in the silences and erasures promoted by the social organization in the records of History. the research was developed from a literature review and analysis of the relationship between history and literature present in the book.

**Palavras-chave:** History, Literature, Daily Life, Cultural History, Carolina Maria de Jesus.

## REFERÊNCIAS

BOSI, A.. **Narrativa e resistência**. Araraquara: Itinerários, 1996. N. 10, pp. 11-27

CANDIDO, A.. **O direito à literatura**. In: *Cadernos de Estudos ENFF*. Vol. 2 – Literatura e Formação da Consciência. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35.

CANHA, S. L.. **Crise habitacional na cidade de São Paulo**: reflexões a partir do “Quarto de Despejo”. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2016.

CAVALCANTE JUNIOR; I. G; SILVA, M. do R. de F. V.; COSTA, R. da S.. **A história cultural de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda e os novos rumos da historiografia brasileira**. Revista F@pciência, Apucarana-PR, ISSN 1984-2333, v.6, n. 6, p. 47 – 54, 2010. Disponível em: [http://www.fap.com.br/fap-ciencia/edicao\\_2010/006.pdf](http://www.fap.com.br/fap-ciencia/edicao_2010/006.pdf)

DOSSE, F.. **A história em migalhas**: dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio, 1994. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4889470/mod\\_resource/content/1/dosse-franc3a7ois-a-histc3b3ria-em-migalhas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4889470/mod_resource/content/1/dosse-franc3a7ois-a-histc3b3ria-em-migalhas.pdf)

FERNANDEZ, R. A.. **Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus**. Itinerários, Araraquara, n. 27, p.125-146, jul./dez. 2008.

GRECCO, G. de L.. **História e literatura**: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. revista Historiador Número 0 Disponível em: [http://www.historialivre.com/revistahistoriador\\_7](http://www.historialivre.com/revistahistoriador_7). Ano 07. Janeiro de 2015. Acesso em: 04/08/2021.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo** - Diário de uma favelada. São Paulo. Ática, 1993. 173 p.

JESUS, C. M. de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LE GOFF, J.. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>

SOUZA, M.. **Mito fundador, narrativas e história oficial**: representações identitárias na cultura brasileira. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel46/MeritiDeSouza.pdf>

PERPÉTUA, E. D.. **A proposta estética em Quarto de despejo, de Carolina de Jesus**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 255-266, 2º sem. 2014.